

JOSÉ SARAMAGO NUMA ENCRUZILHADA, A TERCEIRA VIA

PEDRO FERNANDES DE OLIVEIRA NETO

Sem resistir mais tempo que o prometido para si mesma, Teresa Cerdeira, para o carro numa *rue* e, ali mesmo, sobre o volante conclui a leitura de *Levantado do chão*. Vão todos, os vivos e os mortos. É o primeiro livro que lê de um desconhecido escritor português que quis com este romance dizer a sua terra de origem. “Isto é o Alentejo”. Não o de grandes e abertas paisagens que carregam a vista de todos para a mais cálida melancolia. Mas sobre a gente, conflitos, alguns amores, muito sacrifício e grandes fomes, as vitórias e os desastres, a aprendizagem da transformação, e mortes. E à frente, dando saltos e as corridas da sua condição, vai o cão Constante, podia lá faltar, neste dia levantado e principal. Uma, duas, três vezes relê estas últimas linhas. Os olhos da leitora, anuviados pela emoção desde que principiou o fim do romance, já não veem ao certo; são agora dois regatinhos que toldam o texto. As letras deixam de significar e são uma negra pasta informe que boia numa piscina branca. Quando retorna ao Brasil, Teresa, depois de tomar a porta das decisões, modifica seu interesse original; o projeto para o doutoramento deixará aquele José melhor conhecido por este ainda por conhecer.

No correr da pesquisa vieram dois novos livros e um deles levaria este José ao seu primeiro grande passo como escritor. *Memorial do convento*, depois do inesperado sucesso entre os leitores em Portugal, chega deste lado do Atlântico e a várias partes do mundo. Não tarda, e aparece um romance que se fez da mesma força dos dois primeiros, *O ano da morte de Ricardo Reis*. Os três livros inauguram na literatura do seu autor uma linha criativa que servirá durante muito tempo como o único designativo, sobretudo aos mais apressados, o de romancista histórico.

Esses romances publicados na década de 1980 se filiavam aos modelos pós-modernistas em voga entre outros escritores, mas só compõe numa das múltiplas possibilidades de realização literária do autor; ele abandonaria na década seguinte tal modelo e só retornaria muito próximo do desfecho da sua carreira. Não só isso: rejeitaria o designativo porque, ao invés de se apropriar da história para repeti-la, preferia o papel de colocá-la em suspeição, tornando-a matéria através da qual podia perscrutar o tempo dos acontecimentos e o seu próprio tempo. Isto é, em parte, o diálogo proposto pelo escritor, se melhor se filia à chamada vertente pós-modernista, nasce da leitura não especificamente destes escritores, alguns pouco distantes da sua geração como Marguerite Yourcenar, mas com aqueles que no passado visitavam da história e dela recolhiam situações e protagonistas emprestando-lhes outra dimensão: no caso daquelas, substituindo, por exemplo, o que aconteceu pelo que poderia acontecer, e destas, fazendo-as personagens dotadas de um papel lendário ou mítico. Esta dimensão do *e-se* – em parte fundada no princípio da mimeses aristotélica, segundo o qual ao poeta interessa não o acontecido mas o que poderia acontecer – encontra, enquanto este romancista português está interessado pela história e pelo imaginário poético do seu povo, outra dimensão importante.

Na década anterior aos primeiros romances deste José, em França se constituía, no âmbito da chamada terceira geração da Escola dos Annales, o que ficou conhecido por *nouvelle histoire*. Para os partidários desta nova corrente historiográfica, ao historiador não deve interessar apenas a narrativa única composta a partir da decupagem dos documentos oficiais. A aproximação entre a criação literária e esta nova dimensão da historiografia será o fio condutor que servirá à pesquisa de Teresa Cerdeira. Há pelo menos dois vieses possíveis para tanto: a maneira como o escritor se utiliza dos acontecimentos históricos, um trabalho que chamaríamos de rasura da história oficial e a proximidade do próprio romancista com os teóricos da *nouvelle histoire*.

Mas, o princípio deste novo viés de leitura da história, mais tarde plasmado no controverso modelo de ensino de história ao contrário do professor Tertuliano Máximo Afonso em *O homem duplicado*, só se apresentaria de maneira muito clara como *maneira de composição literária*, podemos assim dizer, no romance *História do cerco de Lisboa*, que só se publicaria no mesmo ano quando Teresa Cerdeira também publicaria já o resultado de sua pesquisa no livro *José Saramago entre a história e a ficção. Uma saga de portugueses*. De maneira que, a aguda percepção da pesquisadora terá encontrado nesta ocasião algumas relações, se hoje ainda mais visíveis que em 1989, só possibilitadas por questões que estão mais na vivência que propriamente na leitura desprevensiosa ou mesmo cerrada do texto literário.

Contemporânea à *Levantado do chão* é a publicação de uma tradução realizada pelo seu autor para *Le Temps des Cathédrales* de Georges Duby, uma das

figuras da *nouvelle histoire*. Detalhe: esta obra é publicada em Portugal apenas três anos depois da edição original – isto é, no mesmo ano de *Levantado do chão*. O que significa dizer que, se os princípios dessa nova corrente da historiografia estão na superfície temática e estrutural de *História do cerco de Lisboa*, romance que averigua o episódio oficial segundo o qual os portugueses com ajuda dos cruzados tomaram Lisboa dos mouros, já se constituía em método criativo utilizado pelo escritor.

Entre Georges Duby e José Saramago estava Teresa Cerdeira, quem com eles partilhou não apenas do debate acalorado sobre a *nouvelle histoire* mas todos os lances de sua arriscada leitura que unia duas pontas de um mesmo fio e então proposta à orientação da professora Cleonice Berardinelli. *Entre a história e ficção. Uma saga de portugueses* foi um dos primeiros estudos sobre a obra de José Saramago e, desde sua publicação em Portugal se tornou referência fundamental e obrigatória nos estudos sobre a obra de José Saramago; a tese, quando revista e publicada em livro, o primeiro título que estudava profundamente um dos veios principais do universo criativo do escritor português.

Os três principais romances do início da carreira são aqui realinhados como se formasse uma trilogia involuntária na qual o seu autor explora três tempos, três momentos da história portuguesa e três possibilidades de sua releitura: *Levantado do chão*, romance que conta a história de várias gerações de trabalhadores rurais de um Portugal profundo, desde a sua fixação na terra, passando pela exploração contínua do latifúndio à libertação propiciada pela revolução deles próprios, se apresenta como uma epopeia campesina; *Memorial do convento*, que investe na possibilidade de contar a história do Convento de Mafra, obra de um rei para saciar suas ambições próprias e os desígnios de dominação da fé católica e finda por contar sobre o esforço e a renúncia impostos a homens e mulheres envolvidos numa megalomania cuja subversão se completa pela construção de um sonho mais impossível, é lido como a história da repressão da utopia; e, *O ano da morte de Ricardo Reis*, romance que recria o heterônimo de Fernando Pessoa para quem o dever do homem é o de se contentar com o espetáculo do mundo, é colocado entre o fingir e o existir até atestar sobre a impossibilidade do homem fora da história, confluindo o lugar crítico do escritor com esta personagem e o do leitor com a percepção disso. A leitura conjunta desses três romances expõe os dilemas saramagianos com a história e por isso suas constatações assoviam-se tão marcadamente aos romances que vieram depois: *História do cerco de Lisboa*, *O evangelho segundo Jesus Cristo*, *A viagem do elefante* e *Caim*. O que observamos com Teresa Cerdeira é o tratamento ficcional ou a desmontagem do discurso de verdade pelas mãos ardilosas de um escritor inquieto com os dogmatismos, as certezas acabadas e a história enquanto pura e simples repetição. Exceto o penúltimo, que se filia muito claramente ao propósito sempre negado pelo escritor, uma vez que se trata de um romance cuja narrativa recria um passado, os demais são objetos que

interrogam – e intervêm – sobre a condição do homem comum e suas relações com as circunstâncias de verdade enformadoras do imaginário coletivo.

Teresa Cerdeira sublinha ainda que a leitura da história proposta por José Saramago é constituída pelo ponto de vista inusual, o dos que ficaram fora da história oficial mas, de fato e de direito, seus protagonistas, porque são suas forças as que movem toda sua engrenagem. Se não fosse o sacrifício de homens e mulheres em seu tempo, as gerações que os sucederam ainda estariam presas na mesma redoma de vícios em que uns poucos vivem à banca rota do esforço contínuo e prolongado de uma extensa maioria; sem os trabalhadores, nem rei e nem os turistas que hoje se regozijam ante a magnitude do Palácio Nacional de Mafra, partilhariam da realização da megalomania e dos encantos do patrimônio; sem o exercício daqueles que caminham na direção à contrapelo da história estaríamos continuamente condenados aos cercos e as formas diversas de opressão impostas pelas maneiras rasas e deterministas de pensar que colocam uns melhores que os outros. Desconstrói-se assim um dos princípios cruciais: nada existe fora da história. E, ao compreendê-la como uma forma de ficção e a ficção uma forma de história. Logo, este estudo de Teresa Cerdeira ressignifica uma dimensão muito cara à literatura e continuamente escamoteada por literatos e historiadores: a dimensão imaginativa é tão ou mais fundamental para a compreensão da nossa própria história que propriamente os fatos limpos e só manuseáveis à distância objetiva. Ou ainda, que a história é motivada por nossas próprias subjetividades, visto que modelamos e somos modeláveis pelos seus acontecimentos. Tais dimensões são fundamentais, portanto, além da compreensão da literatura saramaguiana porque tocam em variáveis fundamentais ao nosso lugar no mundo e nossa própria relação com as condições que as-nos constituem. E este é um valor só alcançável pela leitura crítica do literário.

Quando *Entre a história e a ficção* se publicou em Portugal, José Saramago disse a Teresa Cerdeira que este livro “viçoso de conteúdo” era um exemplo do que imaginava ser uma tese: “saber compreender e saber comunicar”. Podemos ler estas palavras apenas pelo que elas dizem à primeira vista, que estamos diante de um estudo que faz uma atenta leitura sem desfigurar o objeto literário, porque à medida que o deslinda o preserva, e porque está escrito de forma clara, simples e acessível aos leitores fora do letramento acadêmico, àqueles que conservam o prazer da leitura pelo prazer. Mas, é possível a partir delas acrescentar outras possibilidades: o de ser este um estudo fundamental aos interessados em descobrir que o literário se constitui de diversas camadas de saberes e a partir delas podemos estabelecer nossas próprias diretrizes de compreensão sobre nossa condição no mundo e sua complexa realidade – isto é, uma obra literária não é apenas via de acesso a outras vidas possíveis mas a outros modos de ser e estar no mundo. E este deve ser o trabalho de deslindar o texto para outros leitores: um degrau para a percepção das

possibilidades implicadas no literário e que muitas vezes passam pela vista de quem lê sem significação além da decodificação superficial do texto.

Por tudo o que dissemos aqui, percebe-se claramente que este livro é a palavra que Teresa Cerdeira acrescenta à sobrevida do escritor, compreendendo por este termo o que Carlos Reis no seu *Dicionário de Estudos Narrativos* designa sobre a personagem como “prolongamento das suas propriedades distintivas, como figura ficcional, permitindo reconhecer essas propriedades noutras figurações, para este efeito designadas como *refigurações*. A sobrevida concede à personagem uma existência autónoma, transcendendo o universo ficcional em que ela surgiu originariamente”. Do conceito, aproveitemos, desfazendo o termo de figura ficcional, os caracteres de “prolongamentos das suas propriedades distintivas” e a “existência autônoma” do escritor para além do seu próprio contexto.

Assim, o esforço empreendido para a publicação deste estudo, quase vinte anos depois da sua primeira edição – e agora no Brasil – tem suas qualidades. Colocar os leitores da obra de José Saramago, sobretudo os das gerações mais atuais, em contato com um trabalho de fôlego e indispensável para encontrar ou reencontrar um universo cuja riqueza está em contínua expansão, seja pelas novas leituras sugeridas por novos instrumentos teóricos, seja pelas novas forças de sentido propiciadas por outros contextos. *José Saramago entre a história e a ficção. Uma saga de portugueses* integra ainda outra novidade, que se passou despercebida a olhos mais comuns não pode passar a olhos mais atentos. Publica-se a partir dele a Coleção Estudos Saramaguianos, que se propõe apresentar alguns trabalhos considerados fundadores da crítica saramaguiana e de seus herdeiros diretos e indiretos que inauguram outros meandros para o estudo da obra de José Saramago, isto é, daqueles leitores que se dedicaram ao trabalho de discutir questões diversas oriundas ou perpassadas na literatura desse escritor português.

Já agora, voltamos à Teresa Cerdeira com o *Levantado do chão* entre as mãos numa *rue* de Paris. Só conseguimos perceber, com ela, que seu destino resultaria em escrever um projeto de doutoramento. E depois, viria a defender sua tese? E vê-la publicada? Que o seu autor, recebido à primeira leitura dos leitores insensíveis ou trajados da arrogância acadêmica como um medíocre usurpador da língua portuguesa, ganharia quase uma década depois o Prêmio Nobel de Literatura e se tornaria o primeiro escritor de língua portuguesa a conseguir tal feito; que as possíveis interrogações nascidas durante a realização da pesquisa se tornariam em possibilidades as quais outros mais falariam mais tarde; que o livro publicado em Portugal e tomaria, tempos depois, mesma forma na este lado do Atlântico; que quem escreve este texto e um dia só pôde ter este livro copiado porque o dinheiro nunca chegava para cobrir os valores cobrados por um objeto tornado peça rara teria o privilégio de contribuir diretamente para sua publicação no Brasil; nada disso está escrito. E nem Teresa Cerdeira, nem Pedro Fernandes, quem também leu e se

emocionou com os Mau-Tempo porque reviu sua própria história e a da sua família na história desses trabalhadores rurais sem-terra, sabiam que um escritor, a literatura e um livro ainda produzem os mais belos milagres da história.

José Saramago entre a história e a ficção. Uma saga de portugueses

Teresa Cristina Cerdeira

Coleção Estudos Saramaguianos

Editora Moinhos, 2018, 295 p.